

Julio 2019 - ISSN: 1696-8352

## COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E VIETNAMITAS DE CAFÉ

**Leonardo Sangoi Copetti**

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil.  
E-mail: leonardocopetti@hotmail.com.

**Daniel Arruda Coronel**

Doutor em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Professor Adjunto do Departamento de Economia e Relações Internacionais (UFSM), Bolsista de Produtividade do CNPq e Diretor da Editora da UFSM, Brasil.  
E-mail: daniel.coronel@uol.com.br.

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Leonardo Sangoi Copetti y Daniel Arruda Coronel (2019): "Competitividade das exportações brasileiras e vietnamitas de café", Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana (julio 2019).  
En línea:

<https://www.eumed.net/rev/oel/2019/07/exportacoes-brasileiras-cafe.html>

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi o de analisar a competitividade das exportações brasileiras no mercado mundial do café, entre 2000 a 2016, em comparação ao segundo produtor e exportador mundial, o Vietnã. Os dados foram coletados no site do UN COMTRADE (*United Nations Comtrade*), da FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*) e da WTO (*World Trade Organization*). A metodologia empregada baseou-se no Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS), na Razão de Concentração (CR), e no Índice de Orientação Regional (IOR). Os resultados revelaram que tanto o Brasil quanto o Vietnã apresentaram vantagens comparativas para o café. Em relação à CR, o Brasil apresentou concentração e o Vietnã desconcentração das exportações. O IOR indicou orientação das exportações de café do Brasil à Alemanha, à Itália, e aos Estados Unidos. Já o IOR do Vietnã apresentou orientação das exportações de café somente à Alemanha e à Itália.

**Palavras-Chave:** Café; Competitividade; Comércio Internacional.

### COMPETITIVENESS OF BRAZILIAN AND VIETNAMESE COFFEE EXPORTS

**Abstract:** The objective of this study was to analyze the competitiveness of Brazilian exports in world trade of coffee, from 2000 to 2016, in comparison to the second world producer and exporter, Vietnam. The data were collected from UN COMTRADE (*United Nations Comtrade*), FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*) e WTO (*World Trade Organization*) sites. The methodology used was based on the Revealed Symmetric Comparative Advantage Index (RSCA), Concentration Ratio (CR), and on the Regional Orientation Index (RO). The results revealed that both Brazil and Vietnam presented comparative advantages for coffee. In relation to CR, Brazil presented concentration and Vietnam deconcentration of exports. The RO indicated orientation of coffee exports from Brazil to Germany, Italy and the United States. Yet, the RO of Vietnam presented orientation of coffee exports only to Germany and Italy.

**Keywords:** Coffee; Competitiveness; International Trade.

## 1 Introdução

O comércio mundial cresceu 181% em exportações ligadas ao agronegócio, entre os anos de 2000 a 2016, passando de US\$ 558 bilhões a US\$ 1,57 trilhões, respectivamente, segundo a *World Trade Organization* (WTO, 2017). Além disso, a participação do setor sobre o total exportado mundial teve aumento de 1 ponto percentual, sendo que, em 2000, era de 9% e, em 2016, passou a 10%. Segundo Vieira Filho & Fishow (2017), esse período, a partir da década de 2000, foi caracterizado como o “boom das commodities”, sendo impulsionado pelo acelerado volume de exportações agropecuárias mundiais e influenciadas pela alta demanda dos produtos de origem primária nos países emergentes, com a modernização tecnológica e a concorrência entre os países exportadores no mundo (Vieira Filho; Fishlow, 2017).

Neste contexto, segundo a *World Trade Organization* (WTO, 2018), o Brasil teve um incremento de quase 400% no faturamento das exportações ligadas ao agronegócio que, nos anos 2000, eram de US\$ 15,5 bilhões e passaram para US\$ 6 bilhões em 2016. Já a participação do setor sobre o total exportado pelo país teve aumento de 13,48 pontos percentuais, sendo que, em 2000, era de 28,06% e, em 2016, de 41,54%. Além disso, conforme dados da *Food and Agriculture Organization of the United Nations* – (FAO, 2018), o Brasil representa o maior exportador mundial de café, uma vez que, em 2016, o valor exportado foi de US\$ 4,84 bilhões, o que representou 2,61% das exportações deste país, e 25% das exportações mundiais. Em comparação com ano 2000, o crescimento das exportações brasileiras de café foi de 210%, e, neste ano, eram de US\$ 1,56 bilhões.

Já no Vietnã, a participação do agronegócio no total exportado reduziu cerca de 12%, de 2000 a 2016, mas houve incremento no faturamento das exportações ligadas ao setor de 563%, sendo que, em 2000, era de US\$ 3,95 bilhões, saltando para US\$ 26,20 bilhões em 2016 (WTO, 2018). O crescimento nas exportações de café neste período foi de 492%, passando de US\$ 501,44 milhões nos anos 2000 para US\$ 2,97 bilhões em 2016, representando 1,68% das exportações do país e 15% das exportações mundiais (UN COMTRADE, 2018).

Neste cenário, o presente estudo tem o seguinte problema de pesquisa: “Brasil e Vietnã são competitivos no mercado mundial do café entre 2000 a 2016?” Para responder ao questionamento, o objetivo do trabalho foi o de analisar a competitividade das exportações brasileiras e vietnamitas no mercado mundial do café, entre 2000 a 2016, uma vez que o Brasil é o maior produtor e exportador, e o Vietnã é o segundo maior produtor e exportador de café mundial.

A metodologia empregada na pesquisa baseou-se no Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS), na Razão de Concentração (CR), e no Índice de Orientação Regional (IOR). O ineditismo desta pesquisa está relacionado à análise do mercado do café internacional, traçando um comparativo entre Brasil e Vietnã que, juntos, destinaram ao mercado externo mais de US\$ 7,81 bilhões em 2016 de café verde, representando 40% do faturamento total mundial na exportação desta *commodity* (UN COMTRADE, 2018). Além disso, as exportações do café verde representam uma parcela do comércio mundial de café, correspondente a 52%, que também é composto por produtos, tais como os extratos de café e o café torrado, que, em conjunto com o café verde, totalizou mais de US\$ 37,15 bilhões em exportação em 2016 (FAO, 2018). Desta forma, esta pesquisa pode servir de subsídio para ações visando fomentar a competitividade do setor, tais como esforço de liberalização multilateral que exclua a redução de barreiras comerciais no agronegócio entre os países, participação de acordos preferenciais de comércio e políticas setoriais de apoio à agricultura (Gurgel, 2014).

Com o intuito de atingir o objetivo do trabalho de avaliar a competitividade das exportações brasileiras no mercado mundial do café, entre 2000 a 2016, em comparação com o Vietnã, este estudo está organizado em mais quatro seções, além desta introdução. Na segunda seção, apresentam-se o conceito de competitividade e os estudos empíricos realizados sobre a exportação e a competitividade do café brasileiro, o panorama do comércio internacional do café, destacando o Brasil e o Vietnã. A terceira seção compreende os procedimentos metodológicos. Na quarta seção, os resultados são discutidos e analisados. Por fim, na quinta seção, são expostas as conclusões do estudo.

## 2 Competitividade no mercado mundial do café

### 2.1 Competitividade

A competitividade, segundo Ricardo (1996), economista inglês do século XIX, relaciona-se às Vantagens Comparativas que um país possui em relação a outro, pela qual a abundância de recursos

naturais favoreceria o competidor que os tivesse. Também se refere a outros fatores como a escala de produção, a existência de capital físico (equipamentos, infraestrutura, vias, portos, etc) e humano (investimentos destinados à formação educacional e profissional de uma determinada população), e abertura econômica.

Ricardo (1996) explica a teoria utilizando como referência Inglaterra e Portugal e os produtos tecidos e vinhos. Se Portugal ou Inglaterra não tivessem nenhuma ligação comercial entre si e produzissem os dois produtos, seriam obrigados a aplicar todos os seus recursos na produção destes e, com isso, os resultados seriam provavelmente inferiores em quantidade e qualidade. Já o comércio faria com que os países se beneficiassem com a especialização e produção do produto em que possuem maior vantagem e com a importação do outro.

No exemplo citado por Ricardo (1996), a Inglaterra produziria tecidos e vinhos utilizando, respectivamente, 100 e 120 homens por ano e Portugal 90 e 80. Da situação analisada no todo se deduziria que a produção deveria ocorrer exclusivamente em Portugal, já que o custo na produção de ambos os produtos é menor, contudo, examinando o cenário à luz das vantagens comparativas, percebe-se que, se a Inglaterra se especializasse em tecidos e Portugal em vinhos, ambos obteriam maiores ganhos na produção e na troca comercial. Neste caso, o preço relativo de cada produto seria de 0,83 (100/120) para o tecido na Inglaterra; 1,20 (120/100) para o vinho na Inglaterra; 1,125 (90/80) para o tecido em Portugal; e 0,88 (80/90) para o vinho em Portugal. Ou seja, o aperfeiçoamento na produção do produto em que cada país possui maior vantagem comparativa e a troca pelo outro proporcionaria maiores ganhos para ambos.

Por outro lado, segundo Porter (1988), a competitividade também estaria relacionada à produtividade que determinado país possui no processo de fabricação de um produto, que, para Ricardo, era explicada pelos custos de produção e pela vantagem comparativa. Tendo em vista este posicionamento, é possível elucidar o porquê de certos países como a Alemanha, a Suíça e a Suécia, onde os salários são altos e a mão de obra não é tão abundante, prosperam e são altamente competitivos.

Ainda, para Porter (1988), a vantagem competitiva de uma nação relaciona-se a quatro determinantes, a saber:

1. Condições de fatores: a posição do país nos fatores de produção, como trabalho especializado, infraestrutura, necessários à competição em determinada indústria;
2. Condições de demanda: como a demanda interna de um país se manifesta voltada aos produtos ou serviços da indústria, este determinante é relevante na medida em que promove a melhoria e inovação pelas empresas do país e reflete o grau de exigência que o mercado tem pela qualidade dos produtos;
3. Indústrias correlatas e de apoio: referem-se às indústrias produtoras do maquinário necessário à produção de determinado produto; e
4. Estratégia, estrutura e rivalidade das empresas: as condições e políticas da nação onde se está produzindo determinado produto. O autor cita do caso de Londres, na Inglaterra, que tem seu desenvolvimento devido à sua demanda avançada de muitos bens e serviços, à concentração industrial e à presença maciça de mão de obra altamente especializada.

Para Best (1990), uma organização de negócios é competitiva quando integra o pensar e o fazer através da procura continuada de melhoria. Como forma de elucidar seu pensamento, o autor cita o exemplo de duas regiões produtoras de armas leves para infantaria, uma em Birmingham, na Inglaterra, e outra nos Estados Unidos, em Connecticut, chamada de Springfield Armory. Nos Estados Unidos, a produção era bem desenvolvida, com sistemas automatizados em torno e forja. Já na Inglaterra, o processo produtivo se dava de forma manual e artesanal. Como resultado, a indústria americana desenvolveu-se e tornou-se produtiva, e a inglesa tornou-se decadente e entrou em recessão.

Ainda nesta perspectiva, Best (1990) conclui que a mudança nos sistemas de produção relaciona-se às grandes mudanças tecnológicas ocorridas nos Estados Unidos, que possibilitaram a introdução de novas tecnologias de produção e, conseqüentemente, promoveram seu desenvolvimento e prosperidade.

Além disso, a definição do conceito de competitividade relaciona-se diretamente à escolha dos indicadores de desempenho a serem utilizados. Como exemplo, cita-se a evolução da participação de mercado, que pode sintetizar muito fatores competitivos de um concorrente (Kennedy et al., 1998).

Fatores como custos, produtividade, inovação em produto e processo também são frequentemente utilizados como forma de comparar e medir a competitividade. Esses fatores, se somados, apresentam-se como determinantes da preservação e melhoria das participações de mercado (Kennedy et al., 1998).

É importante ressaltar que a evolução da participação de mercado refere-se a um fator no passado, associado às vantagens competitivas já adquiridas. Também se relaciona à adequação da empresa ou nação no setor que esteja concorrendo (Kennedy et al., 1998).

Nesta subseção, foram apresentados conceitos sobre a competitividade que embasaram a presente pesquisa. Na subseção seguinte, apresentam-se estudos empíricos sobre a competitividade brasileira no mercado do café.

## **2.2 Estudos empíricos acerca das exportações e da competitividade brasileira na comercialização do café**

Sereia, Camara & Anhesini (2012) analisaram o comportamento de indicadores de comércio exterior do complexo cafeeiro brasileiro entre 1990 e 2007. Para tanto, foram utilizados o modelo *Constant Market Share* (CMS) com os produtos café verde, café solúvel, café torrado e bebidas com café, bem como o índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS). A aplicação do modelo CMS permitiu analisar a decomposição e a contribuição das fontes de crescimento das exportações do café em três períodos considerados: período I (1990–1993 no comparativo com 1994–1998), período II (1994–1998 no comparativo com 1999–2003), e período III (1999–2003 no comparativo com 2004–2007). O modelo CMS permitiu identificar quatro determinantes, a saber: a) o efeito crescimento do comércio internacional; b) o efeito composição da pauta de exportações; c) o efeito destino das exportações; e d) o efeito competitividade, determinado pelo resíduo das demais. Como resultados do modelo CMS, na análise dos quatro produtos em conjunto (café verde, solúvel, torrado e bebidas com café), tem-se que o desempenho das exportações brasileiras é atribuído aos efeitos de crescimento do comércio mundial e, principalmente, da competitividade, que apresentou resultados positivos durante todo período, oscilando entre 51,1% a 222,2%. O mesmo resultado do CMS ocorreu na análise dos produtos do café em separado, sendo o desempenho nas exportações relacionado aos efeitos crescimento mundial e ao efeito competitividade que variou, para o café verde, o café solúvel, o café torrado e as bebidas com café, respectivamente, de 51,1% a 226,2%, de 38,3% a 178,3%, de 56,6% a 122,9%, e de 54,8% a 149,2%. Para o VCRS, as exportações brasileiras de café apresentam-se competitivas com índice variando, para os produtos café verde e café solúvel, respectivamente, de 0,89 a 0,93, e de 0,81 a 0,92. O produto café torrado não se apresentou competitivo durante o período de análise.

Thomé & Ferreira (2015) realizaram pesquisa sobre a competitividade das exportações do café brasileiro no comparativo com seus principais concorrentes (Vietnã, Alemanha, Colômbia, Suíça, Honduras, Itália, Indonésia, Bélgica e Etiópia), no período de 2003 a 2012, e para tanto, utilizaram a seguinte metodologia: índices de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR), Posição Relativa do Mercado (PRM), Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH) para avaliar a concentração de mercado, e Índice de Exportação Líquida (NEI). Como resultados, o Brasil apresentou-se competitivo durante todo período de análise, com VCRs superiores à unidade, e com valores passando de 17,74 em 2003 a 12,73 em 2012, e chegando, em 2004, a 18,03. Em relação à PRM, o Brasil apresentou como resultado o valor de 8,57 em 2012, conferindo-lhe destaque no comércio internacional do café, seguido por Colômbia (5,15) e Vietnã (2,68). Já em relação ao IHH, apresentou como resultado mercado concentrado nas exportações mundiais de café, com valores passando de 42,62%, em 2003, a 41,05% em 2012. O NEI revelou o perfil dos países exportadores: Itália e Bélgica, com valor do índice próximo a zero, região de neutralidade, indicando que estes países não apresentam características de produção doméstica, mas são estáveis em comércio (importação e exportação); Brasil, Vietnã, Colômbia, Honduras, Indonésia e Etiópia com valores próximos a 1, indica estabilidade na exportação com base na produção doméstica; e Alemanha e Suíça, com valores negativos e não próximos a zero e a -1, revelando a estabilidade na comercialização (importação e exportação), e com acentuado consumo doméstico.

Franck et al. (2016) investigaram a competitividade das exportações brasileiras de café utilizando os Índices de Orientação Regional (IOR) e de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR), no período de 1999 a 2014. Os resultados indicaram que as exportações brasileiras de café foram orientadas durante todo período para a Alemanha, com IOR superior à unidade, e orientadas aos Estados Unidos somente a partir do ano de 2006. Em ambos os países, a tendência do IOR foi crescente, o que indica incremento das exportações do Brasil aos parceiros comerciais. Em relação ao IVCR, foi superior à unidade de 1999 a 2014, e com tendência decrescente, indicando a competitividade do país brasileiro no comércio mundial do café, e também redução desta no período de análise.

Arevalo, Arruda & Carvalho (2016) utilizaram o modelo *Constant Market Share* (CMS) e o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) para analisar as exportações totais de café verde

do Brasil, Colômbia e Peru, no período de 1994 a 2013. A aplicação do modelo CMS permitiu analisar a decomposição e a contribuição das fontes de crescimento das exportações do café em três períodos considerados: período I (1994–1998 no comparativo com 1999-2003), período II (1999-2003 no comparativo com 2004-2008), e período III (2004-2008 no comparativo com 2009-2013). O modelo CMS permitiu identificar três efeitos: a) crescimento das exportações no mundo; b) composição da pauta de exportações do país; e c) resíduo inexplicável ou “efeito competitividade”. Como resultados, as exportações brasileiras de café foram competitivas durante todo o período de análise, com IVCR superior à unidade, variando entre 7,20 e 20,84. Além disso, o Brasil foi o mais competitivo em 1999, 2001, e de 2004 a 2011, apresentando IVCRs superiores aos concorrentes. Em relação ao CMS, o Brasil ampliou seu *market-share* nos períodos I, II, e III, respectivamente, de 18,73% para 21,74%, de 21,74% para 25,13%, de 25,13% para 28,61%, sendo que o efeito crescimento do mercado mundial foi determinante para explicar o incremento nas exportações de café do Brasil, dado que o valor percentual nos três períodos foi muito significativo. O efeito competitividade apresentou-se positivo nos períodos II e III, explicando parte do crescimento nas exportações brasileiras do café verde.

Na Figura 1, faz-se uma síntese dos estudos acerca da competitividade do café.

<b>Autores</b>	<b>Região</b>	<b>Período</b>	<b>Produtos</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Resultados</b>
Sereia, Camara & Anhesini (2012)	Brasil	1990-2007	Café (verde, solúvel e torrado)	CMS e VCRS.	Brasil competitivo no café verde e solúvel de 1990 a 2007.
Thomé & Ferreira (2015)	Brasil, Vietnã, Alemanha, Colômbia, Suíça, Honduras, Itália, Indonésia, Bélgica e Etiópia	2003-2012	Café	IVCR, PRM, IHH, e NEL.	Brasil competitivo de 2003 a 2012.
Franck et al. (2016)	Brasil	1999-2014	Café	IOR e IVCR.	Brasil competitivo de 1999 a 2014.
Arevalo, Arruda & Carvalho (2016)	Brasil, Colômbia e Peru	1994-2013	Café verde	CMS e IVCR.	Brasil competitivo de 1994 a 2013.

**Figura 1** - Síntese dos estudos empíricos

Fonte: Organização dos autores

Nesta subseção, foram reunidos estudos realizados sobre o café brasileiro a fim de analisar as exportações e a competitividade do país na comercialização do produto, com base, principalmente, no IVCR e VCRS. Os estudos supracitados revelaram que o Brasil apresentou competitividade nas exportações de café de 1990 a 2014. Na subseção seguinte, apresenta-se o panorama do comércio internacional do café, com destaque para o Brasil e o Vietnã.

### 2.3 Participação do Brasil e do Vietnã no mercado do café

Segundo a *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO, 2018), o Brasil foi o maior produtor e exportador mundial de café, em 2016, quando o país produziu 3,02 milhões de toneladas do produto, representando 32,74% da produção mundial, que foi de 9,22 milhões de toneladas. Neste período, o Vietnã aparece em segundo lugar, com a produção de 1,46 milhões de toneladas. Do total produzido pelo mundo, cerca de 7,16 milhões de toneladas foram destinadas à exportação: o Brasil destinou 1,82 milhões de toneladas ao mercado externo, assumindo a primeira posição entre os maiores exportadores mundiais, e o Vietnã exportou 1,40 milhões de toneladas, sendo o segundo maior exportador. A Tabela 1 ilustra as participações dos maiores produtores de café nos anos de 2000 e 2016.

**Tabela 1 - Participação dos maiores produtores mundiais de café em 2000 e em 2016**

País	2000		2016		Variação da participação (em p.p.)
	Produção (milhões de toneladas)	Participação (%)	Produção (milhões de toneladas)	Participação (%)	
Brasil	1,90	25,37	3,02	32,74	7,37
Vietnã	0,80	10,70	1,46	15,84	5,14
Colômbia	0,64	8,49	0,75	8,08	-0,41
Indonésia	0,55	7,39	0,64	6,93	-0,46
Etiópia	0,23	3,07	0,47	5,09	2,02
Honduras	0,19	2,58	0,36	3,93	1,35
Índia	0,29	3,89	0,35	3,77	-0,12
Peru	0,19	2,55	0,28	3,01	0,46
Guatemala	0,31	4,16	0,24	2,56	-1,60
Uganda	0,14	1,91	0,20	2,21	0,29
Resto do Mundo	2,24	29,88	1,46	15,84	-14,05
Total	7,50	100,00	9,22	100,00	-

Nota: *Ranking* relacionado ao ano de 2016

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de FAO (2018)

Com base na Tabela 1, percebe-se que o incremento na produção de café no mundo, nos anos de 2000 a 2016, foi de 22,93%, passando de 7,50 para 9,22 milhões toneladas. O Brasil e o Vietnã tiveram um aumento de 58,95% e 85,50% respectivamente. No quesito participação de mercado, esses países também apresentaram crescimento, o Brasil em 7,37% e o Vietnã em 5,14%. Outros países que também elevaram sua participação de mercado foram Etiópia (2,02%), Honduras (1,35%), Peru (0,46%) e Uganda (0,29%). Por outro lado, o país que mais reduziu sua participação de mercado foi a Guatemala, em 1,60%, correspondendo a um declínio na produção de 22,58%, que passou de 0,31 milhões de toneladas em 2000 a 0,24 milhões de toneladas em 2016, fato ligado à epidemia de ferrugem nas plantações em 2012, quando 20% das plantações foram perdidas em função da doença, e também pela falta de competitividade do país, que apresenta altos custos de produção (USDA, 2018).

A seguir, na Tabela 2, é avaliada a participação dos principais exportadores mundiais de café com base nos mesmos períodos.

**Tabela 2 - Participação dos maiores exportadores mundiais de café verde em 2000 e em 2016**

País	2000		2016		Variação da participação (em p.p.)
	Exportação (milhões de toneladas)	Participação (%)	Exportação (milhões de toneladas)	Participação (%)	
Brasil	0,97	17,59	1,82	25,46	7,88
Vietnã	0,73	13,35	1,40	19,54	6,20
Colômbia	0,51	9,25	0,73	10,26	1,01
Indonésia	0,34	6,14	0,41	5,76	-0,38
Alemanha	0,17	3,04	0,34	4,69	1,65
Honduras	0,17	3,04	0,31	4,33	1,29
Índia	0,16	2,94	0,25	3,50	0,56
Peru	0,14	2,60	0,24	3,34	0,74
Bélgica	0,07	1,35	0,19	2,64	1,28
Guatemala	0,29	5,30	0,18	2,51	-2,79
Resto do Mundo	1,95	35,41	1,29	17,98	-17,43
Total	5,50	100,00	7,16	100,00	-

Nota: *Ranking* relacionado ao ano de 2016

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de FAO (2018)

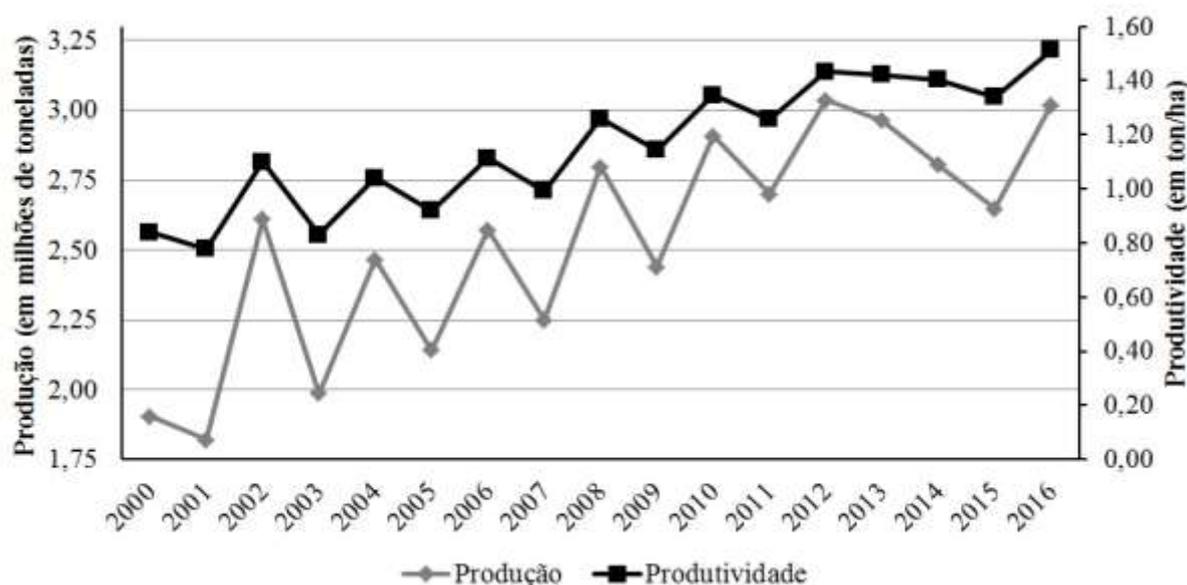
O comércio mundial de café é dominado em grande parte pelo Brasil, que, no ano de 2016, teve uma participação de 25,46% no total exportado, seguido por Vietnã, Colômbia, Indonésia, Alemanha, e Honduras, com, respectivamente, 19,54%, 10,26%, 5,76%, 4,69% e 4,33%. Neste cenário, novamente a Guatemala foi o país que mais reduziu sua participação de mercado em 2,79%, correspondendo a um declínio na exportação de 37,93%, que passou de 0,29 milhões de toneladas

em 2000 a 0,18 milhões de toneladas em 2016, sendo a quebra de safra de 2012, os altos custos de produção, e os baixos preços internacionais do café os responsáveis pela queda no comércio exterior do país (USDA, 2018).

Em relação à disponibilidade de café brasileiro, na safra 2016/2017, foi de 3,51 milhões de toneladas, e, destes, 56,52% foram destinados à exportação, 36,94%, ao consumo interno e 6,54% foram os estoques finais (USDA, 2018). Percebe-se a alta participação da exportação que está relacionada à orientação da indústria cafeeira ao mercado externo.

Além disso, a produção brasileira de café é distribuída pelas regiões do país, tomando como base a safra de 2016, da seguinte forma: 5% Norte, 8% Nordeste, 1% Centro-Oeste, 84% Sudeste e 2% Sul de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2016). Com base neste levantamento, percebe-se a alta concentração do café produzido pelo país na região Sudeste.

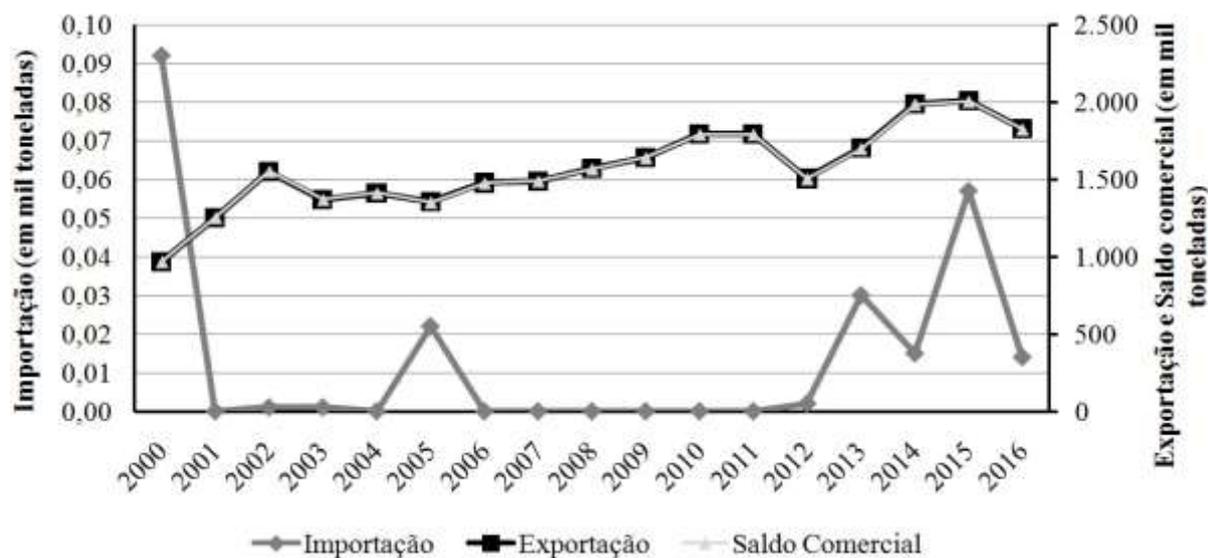
A Figura 2 ilustra a produção e a produtividade do café no Brasil, entre os anos de 2000 a 2016.



**Figura 2** - Evolução da produção e da produtividade do café verde no Brasil entre 2000 e 2016  
Fonte: Elaborado pelos autores a partir de FAO (2018)

A partir da análise da Figura 2, é possível observar que, apesar da oscilação da série, o crescimento da produtividade do café brasileiro é constante desde o início do período analisado. De acordo com a CONAB (2017), o incremento produtivo do café brasileiro está ligado à aplicação de novas tecnologias nessa cultura, com o uso de novas variedades, adubação adequada, irrigação, entre outros. Acrescente-se ainda que a média da produtividade brasileira no período foi de 1,16 ton/ha, bem acima da média mundial de 0,77 ton/ha (FAO, 2018), demonstrando o bom desenvolvimento tecnológico nesta etapa produtiva.

A Figura 3 ilustra a importação, a exportação e o saldo comercial de café verde no Brasil, entre os anos de 2000 a 2016.

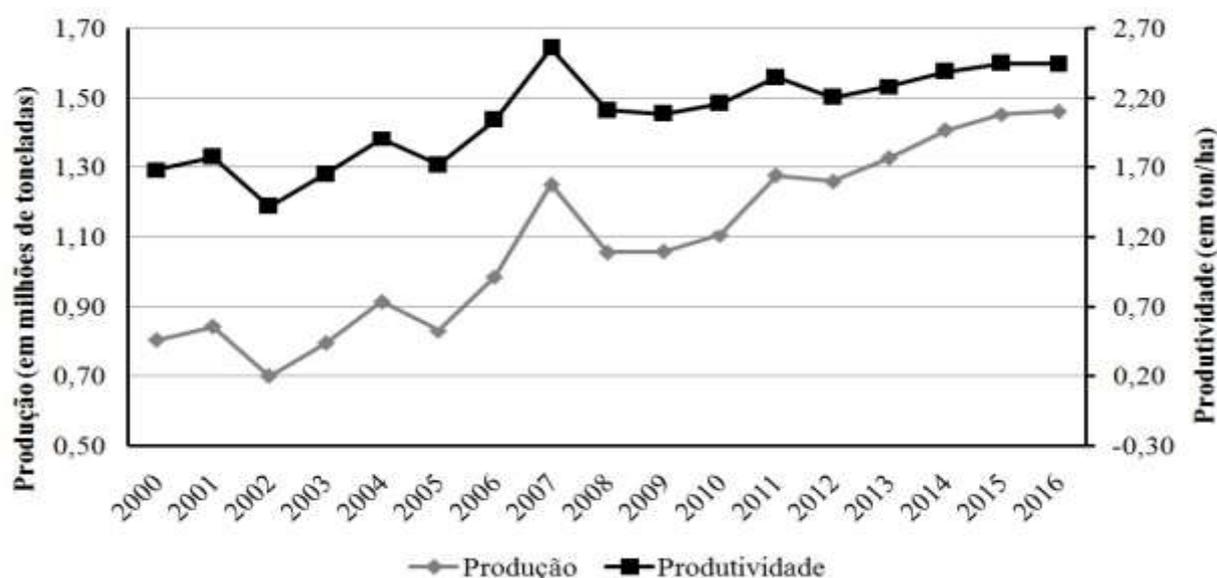


**Figura 3** - Evolução da importação, exportação e saldo comercial do café verde no Brasil entre 2000 e 2016

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de FAO (2018)

Percebe-se, assim como no caso da produção e da produtividade, uma linha de tendência crescente nas exportações brasileiras de café, com um crescimento de 88,60% entre os anos de 2000 e 2016 (FAO, 2018). Neste mesmo período, as importações apresentam-se pouco significativas dadas as proporções.

A Figura 4 ilustra a produção e a produtividade do café verde no Vietnã, entre os anos de 2000 e 2016.



**Figura 4** - Evolução da produção e da produtividade do café verde no Vietnã entre 2000 e 2016

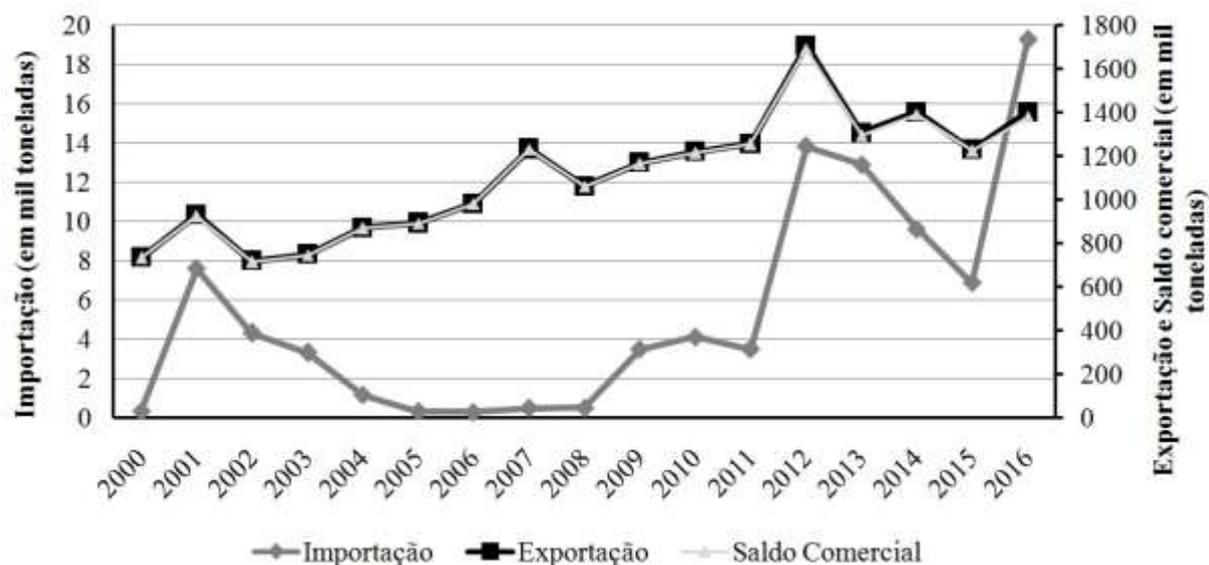
Fonte: Elaborado pelos autores a partir de FAO (2018)

Pela análise da Figura 4, percebe-se o crescimento na produtividade do café no Vietnã, que, no ano de 2000, era de 1,68 ton/ha e passou a 2,44 ton/ha no ano de 2016, com uma média de 2,07 ton/ha. A produção também apresentou tendência crescente, passando de 0,80 milhões de toneladas em 2000 a 1,46 milhões de toneladas em 2016 (FAO, 2018), um incremento de 82,50%, fato impulsionado pela alavancagem da política cambial vietnamita e pelos baixos custos de mão de obra em relação à produção dos concorrentes (Nishijima, Saes & Postali, 2012).

Segundo o USDA (2018), o total disponível de café no Vietnã, na safra 2016/2017, foi de 1,89 milhões de toneladas, e, destes, 87,45% foram destinados à exportação, 8,79% ao consumo interno e

3,76% foram os estoques finais. Percebe-se que a indústria cafeeira vietnamita, tal como a brasileira, é orientada ao mercado externo.

Com base na Figura 5, identifica-se a evolução das importações, das exportações e o saldo comercial do café verde do Vietnã. As exportações tiveram um incremento de 90,76%, passando de 733,90 mil de toneladas em 2000 para 1,40 milhões de toneladas em 2016. Este crescimento está relacionado ao incremento da produção e aos preços internacionais atrativos ao produtor ao longo do período (USDA, 2012; USDA, 2016). Já as importações foram pouco significativas entre 2000 a 2016, com Vietnã importando pequenas quantidades de café principalmente do Laos, da Indonésia e do Brasil (USDA, 2012; USDA, 2016).



**Figura 5** - Evolução da importação, exportação e saldo comercial do café verde no Vietnã entre 2000 e 2016

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de FAO (2018)

Por fim, na Tabela 3, é apresentada uma síntese dos principais fatores de competitividade do café entre Brasil e Vietnã, nos anos de 2000 e de 2016.

**Tabela 3** - Síntese dos principais fatores de competitividade do café verde entre Brasil e Vietnã em 2000 e 2016

Países	Produção (milhões de toneladas)				Exportação (milhões de toneladas)			
	2000	%	2016	%	2000	%	2016	%
Brasil	1,90	25,37	3,02	32,74	0,97	17,59	1,82	25,46
Vietnã	0,80	10,70	1,46	15,84	0,73	13,35	1,40	19,54
Demais países	4,79	63,92	4,74	51,41	3,80	69,07	3,94	54,97
Mundo	7,50	100,00	9,22	100,00	5,50	100,00	7,16	100,00

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de FAO (2018)

Por meio das análises realizadas, observou-se que tanto o Brasil como o Vietnã apresentaram resultados significativos na produção e na produtividade, dadas as proporções, ao longo dos últimos anos. Contudo, apesar de ambos os países apresentarem crescimento na produtividade, o Vietnã ainda obteve maior média na produtividade (2,07 ton/ha), já que o Brasil apresentou (1,16 ton/ha), indicando maior competitividade.

Brasil e Vietnã possuem outra semelhança: o fato de registrarem níveis de exportação muito superiores aos de importação sugere que os países têm competitividade no mercado internacional do café. Ainda, ambos os países aumentaram o volume exportado e o *market-share* no período, indicando expansão e incremento no setor.

### 3 Material e métodos

#### 3.1 Aspectos metodológicos

##### 3.1.1 Índices de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) e Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS)

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada foi desenvolvido por Balassa (1965), utilizando como base a teoria de Ricardo (1817), como forma de avaliar a competitividade de um país, já que, para o autor, seria inviável avaliar todos os fatores que afetam o desempenho econômico frente aos concorrentes. Além disso, para o autor, esta avaliação deveria recair somente sobre as exportações, já que as importações são influenciadas por barreiras protecionistas. Assim, o IVCR é calculado da seguinte forma:

$$IVCR = \frac{\frac{X_{ij}}{X_i}}{\frac{X_{mj}}{X_m}} \quad (1)$$

em que:  $X_{ij}$  representa o total das exportação do país  $i$  do produto  $j$ ;  $X_i$  refere-se ao valor total das exportações do país  $i$ ;  $X_{mj}$  significa o valor total das exportações mundiais do produto  $j$ ;  $X_m$  mostra o valor total das exportações mundiais.

O índice deve ser avaliado da seguinte forma: quando o resultado for superior à unidade, conclui-se que o país possui vantagem comparativa revelada para as exportações de determinado produto. Por outro lado, quando o resultado for menor do que um, o país não possui vantagem comparativa revelada nas exportações de um produto. Além disso, quanto maior for o índice, maior será a vantagem comparativa do país. O IVCR informa o nível das exportações de um país, com relação à sua pauta exportadora, podendo comparar determinado bem entre diferentes países e permitindo revelar o grau de competitividade do país em questão.

A fim de melhor analisar as vantagens comparativas entre mais de um competidor e mais períodos, optou-se por utilizar o índice de vantagens comparativas efetuando a normalização, conforme proposto por Laursen (1998):

$$VCRS = \frac{IVCR - 1}{IVCR + 1} \quad (2)$$

Em que o índice representa a Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS). Assim, o valor do índice passa a variar entre -1 e 1. Se o índice se encontrar entre -1 e 0, a economia do estado não possui vantagem comparativa revelada naquele determinado produto; entre 0 e 1, a economia possui vantagem comparativa revelada e quanto mais próximo de 1, maior será a vantagem.

##### 3.1.2 Razão de Concentração (CR)

No presente estudo, foram selecionados os três principais parceiros comerciais de cada país (no caso, CR3), para o café verde, em 2000 e em 2016, a fim de identificar o grau de concentração da comercialização no mercado internacional, conforme resultados descritos na seção 4.2.

Para o Brasil, em 2000, os países selecionados foram Alemanha, Estados Unidos e Itália. O total das exportações brasileiras de café verde destinadas a estes países e as representatividades sobre o total de café verde exportado pelo Brasil, em 2000, foram, respectivamente, de US\$ 268,02 milhões (17,19%) para a Alemanha; US\$ 218,35 milhões para os Estados Unidos (14,00%); e US\$ 173,90 milhões para a Itália (11,15%) (UN COMTRADE, 2018).

Em 2016, para o Brasil, os países selecionados foram novamente Alemanha, Estados Unidos e Itália. O total das exportações brasileiras de café verde e representatividades sobre o total de café verde exportado pelo Brasil em 2016, foram, respectivamente, de US\$ 953,58 milhões (19,69%) para a Alemanha; US\$ 938,98 milhões para os Estados Unidos (19,39%); e US\$ 438,75 milhões para a Itália (9,99%) (UN COMTRADE, 2018).

Para o Vietnã, em 2000, os países selecionados foram Suíça, Estados Unidos e Alemanha. O total das exportações vietnamitas de café verde destinadas a estes países e as representatividades sobre o total de café verde exportado pelo Vietnã em 2000, foram, respectivamente, de US\$ 101,07

milhões (20,16%) para a Suíça; US\$ 70,92 milhões para os Estados Unidos (14,14%); e US\$ 52,61 milhões para a Alemanha (10,49%) (UN COMTRADE, 2018).

Em 2016, para o Vietnã, os países selecionados foram Alemanha, Estados Unidos e Itália. O total das exportações vietnamitas de café verde e representatividades sobre o total de café verde exportado pelo Vietnã em 2016, foram, respectivamente, de US\$ 477,92 milhões (16,11%) para a Alemanha; US\$ 407,89 milhões para os Estados Unidos (13,75%); e US\$ 240,22 milhões para a Itália (8,10%) (UN COMTRADE, 2018).

O somatório das parcelas de mercado das  $k$ -ésimas maiores empresas ou países define o grau de concentração, sendo apresentado na Fórmula (3):

$$CR_k = \sum_{i=1}^k S_i \quad (3)$$

Na fórmula,  $S_i$  representa a parcela de mercado do  $i$ -ésimo país, enquanto  $k$  significa o número de países pesquisados. Quanto mais alto o valor, mais concentrado é o fluxo comercial das  $k$  maiores nações.

### 3.1.3 Índice de Orientação Regional (IOR)

O IOR foi proposto por Yeats (1997) e visa mensurar o peso de um setor/produto nas exportações bilaterais em relação ao peso de suas exportações totais com destino ao resto do mundo. Varia de zero até o infinito. Valores maiores que 1 indicam orientação favorável ao comércio bilateral; o IOR igual a 1 sugere que não há preferência de destino para a exportação, ou seja, o produto não possui orientação de comércio. Valores crescentes do IOR ao longo do tempo indicam tendência para exportar mais para determinado país. Assim, o IOR é calculado da seguinte forma:

$$IOR = \frac{\frac{X_{kij}}{X_{ij}}}{\frac{X_{kiej}}{X_{iej}}} \quad (4)$$

em que:  $X_{kij}$  representa as exportações da commodity  $k$  do país  $i$  para o país  $j$ ;  $X_{ij}$  refere-se ao total das exportações do país  $i$  para o país  $j$ ;  $X_{kiej}$  significa as exportações da commodity  $k$  de  $i$  para extra  $j$ ; e  $X_{iej}$  mostra o total das exportações do país  $i$  para extra  $j$ .

## 3.2 Fontes dos dados

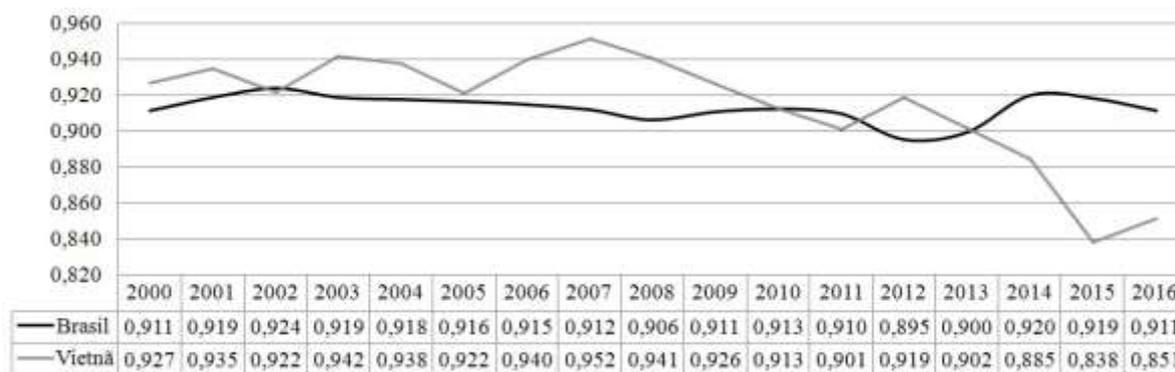
Na análise do mercado mundial do café verde e, especialmente, do panorama brasileiro e vietnamita, o presente estudo utilizou a base de dados do FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*). Para os principais produtores e exportadores mundiais e, especialmente, o Brasil e o Vietnã, em 2000 e 2016, foram analisadas as variáveis produção (em milhões de toneladas), importação (em mil toneladas), exportação (em milhões de toneladas na tabela 2, e em mil toneladas nas figuras 3 e 5), e produtividade (em ton/ha), bem como medidas as participações de cada país, em relação à produção e à exportação, no total mundial.

Para os cálculos do VCRS, da CR, e do IOR foram empregados os dados disponíveis no UN COMTRADE (*United Nations Comtrade*), na FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*) e na WTO (*World Trade Organization*).

## 4 Análise e discussão dos resultados

### 4.1 Vantagens comparativas reveladas e competitividade das exportações do café

A Figura 6 especifica os dados do VCRS do Brasil e do Vietnã de 2000 a 2016. Durante todo o período, os dois países apresentaram vantagem comparativa relevada simétrica, com índices entre zero e 1 (um). Além disso, os índices apresentaram comportamentos distintos: no Brasil, não houve significativas alterações; e, no Vietnã, houve decréscimo no valor, indicando redução no nível de competitividade, demonstrando que as exportações do país foram inferiores às realizadas no mundo. Ainda, o Brasil foi o mais competitivo em 2002, em 2011, e de 2014 a 2016, apresentando índices superiores ao concorrente.



**Figura 6 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica do café verde do Brasil e do Vietnã de 2000 a 2016**

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de FAO (2018) e WTO (2018)

A presente pesquisa demonstrou estar em consonância com alguns trabalhos já realizados sobre a competitividade do café brasileiro. Para Sereia, Camara & Anhesini (2012), que também utilizaram o VCRS como indicador, as exportações de café do Brasil se apresentaram competitivas entre os anos de 1990 a 2007, com índice variando entre 0,89 a 0,93. Segundo Thomé & Ferreira (2015), as exportações brasileiras de café foram competitivas entre os anos de 2003 a 2012. Outro estudo, como o de Franck et al. (2016), apresentou como resultado competitividade na exportação de café entre 1999 e 2014. Já para Arevalo, Arruda & Carvalho (2016), o Brasil foi competitivo nas exportações de café verde entre os anos de 1994 a 2013.

#### 4.2 Grau de concentração e Índice de Orientação Regional das exportações do café verde

##### 4.2.1 Grau de concentração e Índice de Orientação Regional das exportações de café verde do Brasil

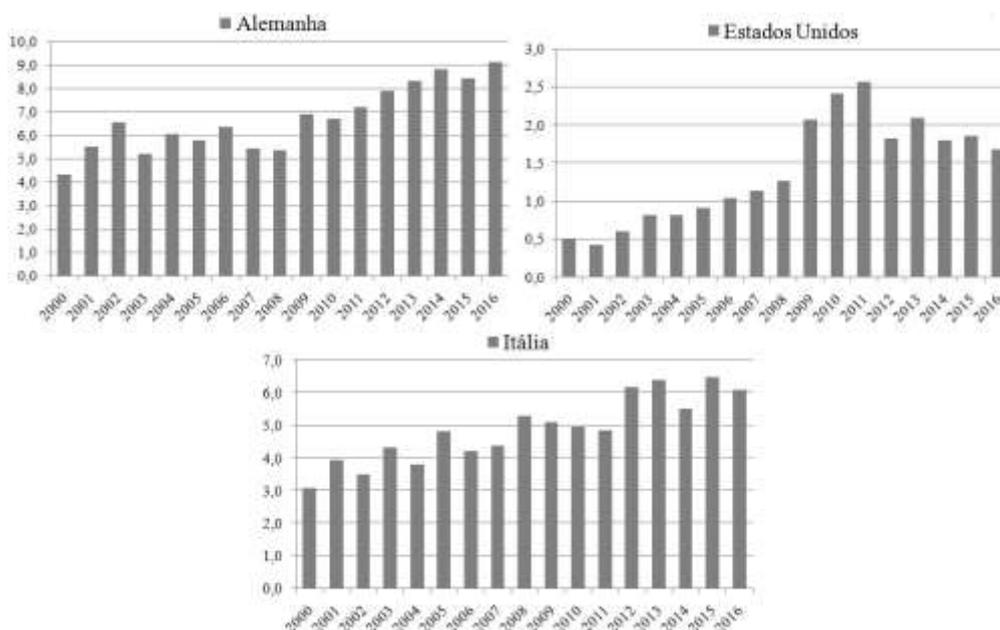
Na Tabela 4, são apresentados os graus de participação individual e em conjunto (CR3) dos principais países de destino das exportações do café verde do Brasil para os anos de 2000 e 2016. Os resultados revelam aumento na concentração das exportações no período analisado. As possíveis razões desta elevação estão ligadas ao incremento da parceria comercial, com elevação nas participações de mercado, de Alemanha e Estados Unidos, respectivamente, de 17,19% a 19,69%, e de 14,00% a 19,39% (UN COMTRADE, 2018).

**Tabela 4 – CR3 das exportações de café verde do Brasil para os anos de 2000 e 2016**

Produtos/ Anos	2000		2016	
	Países	%	Países	%
Café verde	Alemanha	17,19	Alemanha	19,69
	Estados Unidos	14,00	Estados Unidos	19,39
	Itália	11,15	Itália	9,99
CR3	42,35		49,07	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de UN COMTRADE (2018)

Pela análise da Figura 7, identifica-se orientação das exportações brasileiras de café verde (IOR) aos países que foram seus principais destinos em 2000 e 2016. Somente as exportações para os Estados Unidos, no período de 2000 a 2005, não apresentaram a orientação de mercado; o período de 2006 a 2016 e exportações para Alemanha e Itália, de 2000 a 2016, apresentaram a orientação de mercado, com IOR superior à unidade.



**Figura 7** - Índice de Orientação Regional (IOR) das exportações brasileiras de café verde para Alemanha, Itália e Estados Unidos, em US\$

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de UN COMTRADE (2018).

Ainda, na Figura 7, verifica-se a evolução do IOR, demonstrando a tendência das exportações brasileiras do café verde aos países parceiros.

As exportações brasileiras do café verde para a Alemanha foram crescentes, passando de US\$ 268,20 milhões, em 2000, a US\$ 953,58 milhões em 2016 (UN COMTRADE, 2018), refletindo, desta forma, as elevações consecutivas do IOR que passou de 4,32 a 9,10. Destaca-se que o país é um importante parceiro comercial brasileiro, assumindo a 4ª e 5ª posição, respectivamente, em 2000 e 2016, entre países para os quais o Brasil mais exportou, sendo os principais produtos o minério de ferro, o café e a soja (BRASIL, 2018).

A tendência das exportações brasileiras aos Estados Unidos foi de crescimento, uma vez que, em 2000, eram de US\$ 13,39 bilhões, e, em 2016, foram de US\$ 23,30 bilhões, com um aumento de 74%. Nesta mesma medida, houve incremento das importações norte-americanas de café verde do Brasil, que, em 2000, eram de US\$ 218,35 milhões, e, em 2016, foram de US\$ 938,98 milhões (UN COMTRADE, 2018), com um aumento de 330%, evidenciado nos valores crescentes do IOR no período que passou de 0,51 em 2000, a 1,67 em 2016. Ainda, os Estados Unidos apresentam importante parceria comercial com o Brasil, assumindo a 2ª e 1ª posição, respectivamente, em 2000 e 2016, de países que o Brasil mais exportou, sendo os principais produtos aviões, calçados e produtos semimanufaturados de ferro (BRASIL, 2018).

Em relação à Itália, as importações de café verde do Brasil representaram uma média de 38,32%, de 2000 a 2016, em relação ao total da importação do produto, caracterizando o país brasileiro como o maior fornecedor da *commodity* no período, seguido por Vietnã e Índia, com as médias de participações, respectivamente, de 12,49% e 10,84% (UN COMTRADE, 2018). Além disso, os valores do IOR das exportações brasileiras de café verde para a Itália foram crescentes, passando de 3,10, em 2000, a 6,08 em 2016, indicando fortalecimento do comércio e tendência a exportar mais.

#### 4.2.2 Grau de concentração e Índice de Orientação Regional das exportações de café verde do Vietnã

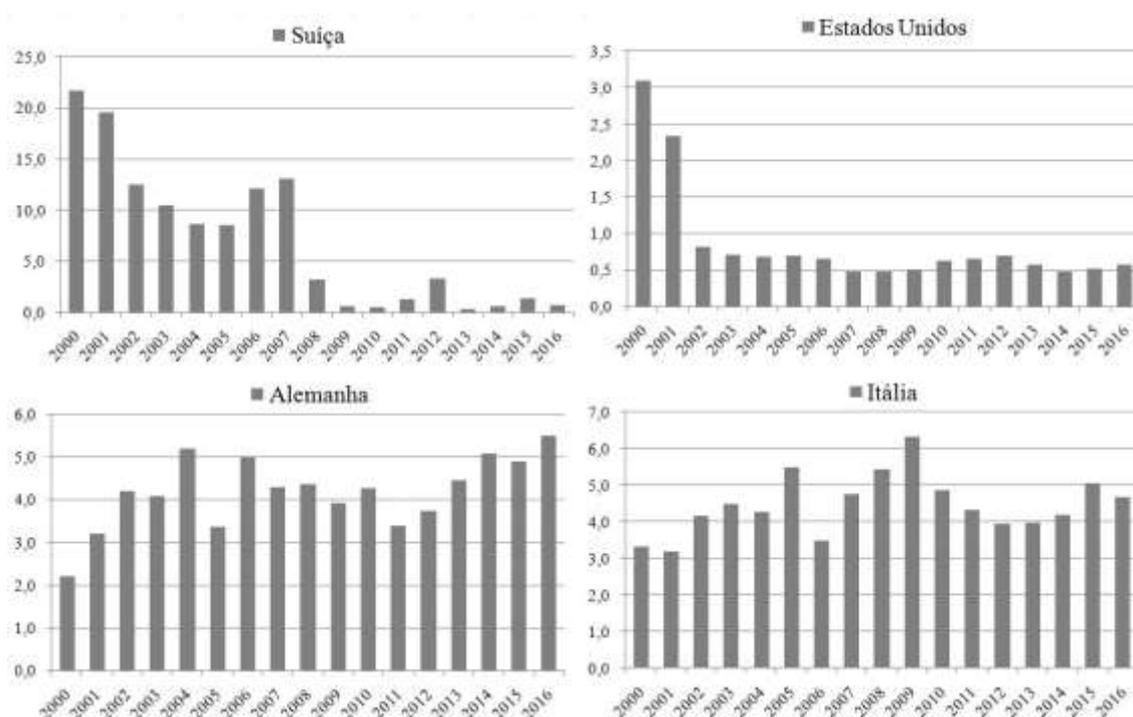
Pela análise da Tabela 5, percebe-se uma redução da concentração das exportações de café verde do Vietnã, de 2000 a 2016, passando de 44,79% para 37,95%, o que indica aumento na dispersão das exportações. Como origem da mudança nas importações dos principais parceiros vietnamitas, tem-se principalmente o caso da Suíça, que reduziu suas importações do café verde do Vietnã, em 2016, para US\$ 6,90 milhões, e, em 2000, eram de US\$ 101,07 milhões, ou seja, houve uma redução de US\$ 94,17 milhões, fato ligado principalmente ao fortalecimento das parcerias comerciais da Suíça com Brasil e Colômbia, que importou destes 45,74% do total de café verde em 2016 (UN COMTRADE, 2018).

**Tabela 5** - CR3 das exportações de café verde do Vietnã para os anos de 2000 e 2016

Produtos/ Anos	2000		2016	
	Países	%	Países	%
Café verde	Suíça	20,16	Alemanha	16,11
	Estados Unidos	14,14	Estados Unidos	13,75
	Alemanha	10,49	Itália	8,10
CR3	44,79		37,95	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de UN COMTRADE (2018)

Na Figura 8, verifica-se a evolução do IOR, demonstrando a tendência das exportações vietnamitas do café verde aos países parceiros.



**Figura 8** - Índice de Orientação Regional (IOR) das exportações vietnamitas de café verde para a Suíça, os Estados Unidos, a Alemanha e a Itália em US\$

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de UN COMTRADE (2018)

As exportações vietnamitas de café verde para a Suíça foram decrescentes, pois, em 2000, eram de US\$ 101,07 milhões, e passaram a US\$ 6,90 milhões em 2016, refletindo, desta forma, as reduções consecutivas do IOR, que passou de 21,69 a 0,69, sendo ausente a orientação de mercado nos anos de 2009, 2010, 2013, 2014, e 2016 (UN COMTRADE, 2018).

A tendência do IOR das exportações vietnamitas de café para os Estados Unidos foi de redução, uma vez que, em 2000, era de 3,09, e, em 2016, passou a 0,57, sendo que, de 2002 a 2016, foi inferior à unidade, indicando ausência na orientação de mercado. As exportações de café do Vietnã ao país norte-americano foram crescentes, já que, em 2000, era de US\$ 70,92 milhões, e, em 2016, passaram a US\$ 407,89 milhões, ou seja, tiveram 475% de incremento, porém, suas representatividades sobre o total exportado do Vietnã aos Estados Unidos foram baixas, com uma média, entre os anos de 2002 a 2016, de 1,64% (UN COMTRADE, 2018), explicando, assim, a ausência na orientação de mercado neste período. As exportações totais também cresceram 5.149%, as quais, em 2000, eram de US\$ 732,95 milhões, e, em 2016, passaram a US\$ 38,47 bilhões, e os principais produtos comercializados, além do café, foram máquinas e equipamentos elétricos, e artigos de vestuário e acessórios de malha (International Trade Centre - ITC, 2016a).

Segundo os dados do UN COMTRADE (2018), de 2000 a 2016, foi significativa a participação da Alemanha sobre o total de café exportado pelo Vietnã, com uma média de 13,86%, refletindo um IOR superior à unidade e indicando orientação de mercado. É interessante destacar também que as exportações vietnamitas totais ao país alemão, extra-café, cresceram 716%, pois, em 2000, eram de US\$ 730,32 milhões, e, em 2016, passaram a US\$ 5,96 bilhões, refletindo a parceria comercial,

especialmente em produtos como máquinas e equipamentos elétricos, calçado, polainas e semelhantes (ITC, 2016b).

E relação à Itália, as exportações vietnamitas de café verde cresceram 890%, sendo que, em 2000, eram de US\$ 24,26 milhões, e, em 2016, passaram a US\$ 240,22 milhões, e o IOR, de 2000 a 2016, passou de 3,33 a 4,68, respectivamente, indicando orientação nas exportações do produto e tendência a exportar mais. Além disso, neste mesmo período, a média da participação do café sobre o total exportado pelo Vietnã ao país italiano foi de 10,95%, sendo esta *commodity* representativa nas transações comerciais entre os países (UN CONTRADE, 2018).

## 5 Conclusões

O objetivo deste estudo foi analisar a competitividade das exportações brasileiras no mercado mundial do café verde, entre 2000 a 2016, em comparação ao segundo maior produtor e exportador mundial, o Vietnã. Além disso, analisaram-se o grau de concentração e a orientação de mercado das exportações desses países. Os resultados obtidos sobre a participação no comércio internacional para os países, analisando os anos de 2000 e 2016, indicaram que ambos os países aumentaram seus níveis, em relação à produção, o Brasil passando de 25,37% a 32,74%, e o Vietnã, de 10,70% a 15,84%; e na exportação, o Brasil passando de 17,59% a 25,46%, e o Vietnã passando de 13,35% a 19,54%.

Sobre a produtividade do café, o Vietnã apresentou-se como o mais produtivo, com uma média de 2,07 ton/ha em relação ao Brasil, que apresentou uma média de 1,16 ton/ha, sendo mais competitivo neste quesito. Além disso, ambos os países apresentaram média acima da média mundial de 0,77 ton/ha, demonstrando bons desenvolvimentos tecnológicos nesta etapa do processo produtivo.

Em relação à competitividade, os VCRS observados para o Brasil e o Vietnã para o produto café verde foram superiores à unidade, entre 2000 a 2016, comprovando a competitividade internacional dos países. Além disso, o Brasil foi mais competitivo nos anos de 2002, 2011, e de 2014 a 2016, com índices superiores ao concorrente.

O Brasil apresentou aumento na concentração das exportações do café verde no período analisado, relacionado ao incremento da parceria comercial com Alemanha e Estados Unidos, que elevaram suas importações. O Vietnã, por outro lado, revelou desconcentração nas exportações do café verde de 2000 a 2016, passando de 44,79% a 37,95%, fato atrelado à redução das exportações para a Suíça.

As exportações brasileiras do café verde apresentaram-se orientadas (IOR) aos três principais parceiros comerciais, nos seguintes anos: Alemanha e Itália, de 2000 a 2016; e para os Estados Unidos, de 2006 a 2016. Já o Vietnã, apresentou suas exportações do café verde orientadas, nos seguintes anos, aos países: Suíça, de 2000 a 2008, 2011, 2012, e 2015; Estados Unidos, 2000 e 2001; Alemanha e Itália, de 2000 a 2016.

Entre as limitações do presente trabalho está o fato de os índices utilizados serem estáticos, ou seja, permitem a análise em períodos de tempos específicos, não compreendendo diversas alterações econômicas. Neste sentido, fazem-se pertinentes análises com acuidade, utilizando modelos econométricos, bem como de Equilíbrio Geral de Gerações Sobrepostas, os quais permitem captar a evolução das mudanças econômicas e sociais, na competitividade setorial.

## Referências

Arevalo, J. L. S.; Arruda, D. O.; Carvalho, J. P. (2016). Competitividade no comércio internacional do café: um estudo comparativo entre Brasil, Colômbia e Peru. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, Lavras, v. 18, n. 1, p. 62-78.

Balassa, B. (1965). Trade liberalization and revealed comparative advantage. *The Manchester School of Economic and Social Studies*, v. 32, p. 99-123.

Best, M. H. (1990). The New Competition. *Institutions of Industrial Restructuring*. Harvard University Press, Cambridge.

BRASIL – Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). *Balança Comercial*. Recuperado em 18 de dezembro, 2018, de <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio->

exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/balanca-comercial-brasileira-acumulado-do-ano?layout=edit&id=3056.

Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da safra brasileira – CONAB. *Café*. v. 3 - safra 2016. n.4 – Quarto Levantamento | Dezembro 2016. Recuperado em 17 de dezembro, 2018, de <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/cafes/boletim-da-safra-de-caffe>.

Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da safra brasileira – CONAB. *A Cultura do Café: análise dos custos de produção e da rentabilidade nos anos-safra 2008 a 2017*. Recuperado em 17 de dezembro, 2018, de [http://www.agricultura.gov.br/noticias/lavoura-productiva-foi-o-principal-fator-de-aumento-da-renda-do-produtor-de-caffe/copy\\_of\\_ConabAculuradoCafAnlisedosCustosdeProduoedaRentabilidadenosanossafra2008a2017.pdf](http://www.agricultura.gov.br/noticias/lavoura-productiva-foi-o-principal-fator-de-aumento-da-renda-do-produtor-de-caffe/copy_of_ConabAculuradoCafAnlisedosCustosdeProduoedaRentabilidadenosanossafra2008a2017.pdf).

Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO. Recuperado em 20 de julho, 2018, de <http://www.fao.org/faostat/en/#data>.

Franck, A. G. S.; Silva, M. L.; Silva, R. A.; Coronel, D. A. (2016). Análise da competitividade do mercado exportador brasileiro de café. *Desafio Online*, Campo Grande, v.4, n.3, Set./Dez.

Gurgel, A. C. (2014). Impactos de políticas comerciais e agrícolas sobre a agropecuária e a agroindústria brasileiras. In: *52º Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*, Goiânia. Heterogeneidade e suas implicações no Rural.

International Trade Centre - ITC. (2016a). *Bilateral trade between Viet Nam and United States of America*. Recuperado em 19 de dezembro, 2018, de [https://www.trademap.org/Bilateral\\_TS.aspx?nvpm=1%7c704%7c%7c842%7c%7cTOTAL%7c%7c7c2%7c1%7c1%7c2%7c2%7c1%7c1%7c1%7c1](https://www.trademap.org/Bilateral_TS.aspx?nvpm=1%7c704%7c%7c842%7c%7cTOTAL%7c%7c7c2%7c1%7c1%7c2%7c2%7c1%7c1%7c1%7c1).

International Trade Centre - ITC. (2016b). *Bilateral trade between Viet Nam and Germany*. Recuperado em 19 de dezembro, 2018, de [https://www.trademap.org/Bilateral\\_TS.aspx?nvpm=1%7c704%7c%7c276%7c%7cTOTAL%7c%7c7c2%7c1%7c1%7c2%7c2%7c1%7c1%7c1%7c1](https://www.trademap.org/Bilateral_TS.aspx?nvpm=1%7c704%7c%7c276%7c%7cTOTAL%7c%7c7c2%7c1%7c1%7c2%7c2%7c1%7c1%7c1%7c1).

Kennedy, P. L.; Harrison, R. W. & Piedra, M. A. (1998). Analysing Agribusiness Competitiveness: Case of the United States Sugar Industry. *International Food and Agribusiness Management Review*, 1(2):245-257, Jai Press Inc..

Laursen, K. (1998). Revealed comparative advantage and the alternatives as measures of international specialisation. *DRUID Working Paper*. 98–30.

Nishijima, M.; Saes, M. S. M.; Postali, F. A. S. (2012). Análise de Concorrência no Mercado Mundial de Café Verde. *Revista de Economia e Sociologia Rural - RESR*, Piracicaba-SP, Vol. 50, Nº 1, p. 069-082, Jan/Mar.

Porter, M. (1989). *Vantagem Competitiva das Nações*. Editora Campus. Rio de Janeiro.

Ricardo, D. (1996). *Princípios de Economia Política e Tributação*. São Paulo: Editora Nova Cultural.

Sereia, V. J.; Camara, M. R. G.; Anhesini, J. A. R. (2012). Competitividade do complexo cafeeiro: uma análise a partir do *market share* e das vantagens comparativas simétricas. *Revista de Economia*, Editora UFPR, Curitiba, v. 38, n. 1 (ano 36), p. 07-34, jan./abr.

Thomé, K. M.; & Ferreira, L. S. (2015). Competitividade e estrutura de mercado internacional de café: análise de 2003 a 2012. *Coffee Science*, Lavras, v. 10, n. 2, p. 184 - 194, abr./jun.

United Nations Commodity Trade Statistics - UN COMTRADE. *United Nations Commodity Trade Statistics*. Recuperado em 22 de agosto, 2018, de <http://comtrade.un.org/>.

United States Department of Agriculture - USDA. *Coffee annual. Guatemala. 2018*. Recuperado em 14 de dezembro, 2018, de [https://gain.fas.usda.gov/Recent%20GAIN%20Publications/Coffee%20Annual\\_Guatemala%20City\\_Guatemala\\_5-9-2018.pdf](https://gain.fas.usda.gov/Recent%20GAIN%20Publications/Coffee%20Annual_Guatemala%20City_Guatemala_5-9-2018.pdf).

United States Department of Agriculture - USDA. *Coffee semi-annual. Vietnam. November 2012*. Recuperado em 18 de dezembro, 2018, de [https://gain.fas.usda.gov/Recent%20GAIN%20Publications/Coffee%20Semi-annual\\_Hanoi\\_Vietnam\\_11-13-2012.pdf](https://gain.fas.usda.gov/Recent%20GAIN%20Publications/Coffee%20Semi-annual_Hanoi_Vietnam_11-13-2012.pdf).

United States Department of Agriculture - USDA. *Coffee semi-annual. Vietnam. November 2016*. Recuperado em 18 de dezembro, 2018, de [https://gain.fas.usda.gov/Recent%20GAIN%20Publications/Coffee%20Semi-annual\\_Hanoi\\_Vietnam\\_11-13-2012.pdf](https://gain.fas.usda.gov/Recent%20GAIN%20Publications/Coffee%20Semi-annual_Hanoi_Vietnam_11-13-2012.pdf).

Vieira Filho, J. E. R.; & Fishlow, A. (2017). *Agricultura e Indústria no Brasil: Inovação e competitividade*. Brasília: Ipea.

World Trade Organization - WTO. *World Trade Statistical Review - 2017*. Recuperado em 18 de dezembro, 2018, de [https://www.wto.org/english/res\\_e/statis\\_e/wts2017\\_e/wts17\\_toc\\_e.htm](https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/wts2017_e/wts17_toc_e.htm).

World Trade Organization - WTO. *World Trade Time Series*. Recuperado em 18 de dezembro, 2018, de <http://stat.wto.org/StatisticalProgram/WSDBStatProgramHome.aspx?Language=E>.

Yeats, A. (1997). *Does Mercosur's trade performance raise concerns about the effects of regional trade arrangements?* Washington, D.C.: World Bank, 1997. 33 p. (Policy Research Working Paper, 1729).